

Amazônia:

novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral

INTRODUÇÃO: OS DESAFIOS DO SÍNODO

A Assembleia Sinodal Especial Pan-Amazônica, “Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral”, convocada pelo Papa Francisco em Roma, de 6 a 28 de outubro de 2019, tinha diante de si três desafios muito concretos:

1. Um desafio ECOLÓGICO: a destruição acelerada do bioma amazônico.

“É um sentimento de urgência que se impõe diante das agressões que hoje devastam o território amazônico, ameaçado pela violência de um sistema econômico predatório e consumista. Assumir, diante da extrema ameaça do aquecimento global e do esgotamento dos recursos naturais, o compromisso de defender em nossos territórios e com nossas atitudes a floresta amazônica”.

2. Um desafio SOCIAL, em relação às populações tradicionais da Amazônia e, sobretudo, aos povos indígenas ameaçados por um genocídio implacável.

“Renovar em nossas igrejas a opção preferencial pelos pobres, especialmente pelos povos originários, e garantir-lhes, juntamente com eles, o direito de serem protagonistas na sociedade e na Igreja. Ajudá-los a preservar suas terras, culturas, línguas, histórias, identidades e espiritualidade. Crescer na consciência de que estas devem ser respeitadas a nível local e global e, conseqüentemente, encorajar, com todos os meios ao nosso alcance, a acolhê-los em pé de igualdade no concerto mundial dos povos e das culturas.

3. Um desafio ECLESIAL: acolher o outro e toda a sua diversidade:

“Tornar-se uma Igreja com rosto amazônico, pobre, serva, profética e samaritana, profundamente sinodal”.

AS NOVIDADES DESTE SÍNODO

A Assembleia Sinodal Especial Pan-Amazônica, *Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral*, abriu um caminho original em relação às anteriores Assembleias Gerais Ordinárias ou Especiais dos Sínodos dos Bispos.

a) Sua convocação foi dirigida a um grupo definido, não pelos limites políticos dos nove países da região, nem pela pertença a uma das conferências episcopais desses mesmos países, mas pela sua inserção em um território definido desde sempre pela natureza, ou seja, pelos rios e pela floresta úmida tropical (Rain Forest), que conformam a bacia amazônica.

O bioma amazônico cobre nove países com uma área de 8,1 milhões de quilômetros quadrados, com 37 milhões de habitantes de diferentes culturas e histórias. Estende-se pelo Brasil (67%), Peru (13%), Bolívia (11%), Colômbia (6%), Equador (2%), Venezuela (1%), Suriname, Guiana e Guiana Francesa (0,15%). Lá

vivem 2.779.478 indígenas pertencentes a 390 povos reconhecidos e 137 povos que recusam o contato com as sociedades nacionais. Eles falam 240 línguas distintas de 49 troncos linguísticos. (cf. Agência Fides 17/10/2017).

b) O apelo a uma ECOLOGIA INTEGRAL, nos passos da LAUDATO SI' (2015), foi determinante para o horizonte do Sínodo Pan-Amazônico e traçou o desenho dos limites do território sinodal, que não foi definido de acordo com as **estruturas** históricas, políticas e eclesiais herdadas da colonização espanhola (Venezuela, Colômbia, Equador, Peru, Bolívia), portuguesa (Brasil), holandesa (Suriname), inglesa (Guiana) e francesa (Guiana Francesa).

c) A escuta da população local e, sobretudo, dos povos indígenas. Muitos reagiram dizendo: é a primeira vez que vêm até nós não para nos dizer o que devemos fazer ou acreditar, mas para nos escutar.

Todas as dioceses e prelaturas da região amazônica foram visitadas pela equipe da REPAM (Rede Pan-Amazônica), com sede em Quito, no Equador, para organizar esta ampla escuta em preparação ao Sínodo.



Acolhida e escuta dos povos indígenas em Puerto Maldonado, no Peru, em 19 de janeiro de 2018.

d) Para a convocação dos participantes, a escolha e o processo não foram os dos Sínodos, mas os desejados por João XXIII para o Concílio Vaticano II. Foram convocados **todos os responsáveis** das circunscrições eclesiais daquele vasto território e não alguns delegados eleitos pelas igrejas particulares ou nomeados por Roma, como se fazia nas assembleias sinodais anteriores.

O anúncio de um Sínodo para a Amazônia foi feito em Roma, em 2017, mas não a sua convocação. Esta ocorreu em 19 de janeiro de 2018, no coração da floresta amazônica, em Puerto Maldonado, no Peru, diante de uma numerosa representação dos povos originários da região. O Papa Francisco os saudou chamando-os pelo nome:

“Vejo que vocês vieram dos diferentes povos originários da Amazônia: Harakbut, Esse-ejas, Matsigenkas, Yines, Shipibos, Asháninkas, Yaneshas, Kakintes, Nahuas, Yaminahuas, Juni Kuin, Madijá, Manchineris, Kukamas, Kandozi, Quichuas, Huitotos, Shawis, Achuar, Boras, Awajún, Wampís, entre outros. Vejo também que nos acompanham povos que vieram dos Andes e chegaram à selva e se tornaram amazônicos[1].

Somente no território da Amazônia brasileira vivem cerca de duzentos povos indígenas diferentes, com uma rica diversidade de línguas, culturas e religiões. Quinze deles escapam do contato com a sociedade ao seu redor e são identificados como PIAVE (Povos Indígenas em Isolamento Voluntário).



Papa Francisco em Puerto Maldonado recebendo presentes das autoridades dos povos originários

f) Composição da Assembleia. Em relação aos outros sínodos, houve uma numerosa presença de “ouvintes”, 55 no total, mas com destaque para os representantes dos povos indígenas e, entre eles, um importante grupo de mulheres, leigas e religiosas.

Por outro lado, foram convocados todos os responsáveis das circunscrições eclesiais dos nove países da bacia amazônica: da Bolívia (12), do Brasil (58), da Colômbia (14), do Equador (7), do Peru (11), da Venezuela (7), do Suriname (1), da Guiana (1) e da Guiana Francesa (1): 112, além de outros convidados.

g) O primeiro Sínodo, em 1967, sobre a preservação e o fortalecimento da fé católica, e o segundo, em 1971, sobre o sacerdócio e a justiça no mundo, conheceram um documento final discutido e aprovado pelos padres sinodais e publicado imediatamente após o encerramento desses Sínodos. Com a terceira assembleia sobre a evangelização do mundo moderno, em 1974, um impasse sobre o documento final fez com que os bispos entregassem ao Papa Paulo VI as propostas aprovadas nos círculos menores e pedissem que fosse ele a redigir uma Exortação Apostólica pós-sinodal. O resultado foi a *Evangelii nuntiandi*, publicada em 8 de dezembro de 1975. Esta bela e profunda exortação marcou, infelizmente, o fim do protagonismo do magistério episcopal, para as 13 assembleias ordinárias, 11 especiais e 3 extraordinárias do Sínodo que se seguiram. O protagonismo foi transferido mais uma vez aos Papas e resultou em documentos pontificios zelosamente controlados pela Cúria Romana.

PROTAGONISMO DOS PADRES SINODAIS

O protagonismo dos padres sinodais foi retomado apenas 45 anos depois, com o Sínodo Pan-Amazônico. Foi com surpresa e certo espanto que os participantes do Sínodo ouviram o Papa Francisco declarar, no final de seu discurso de encerramento do Sínodo:

“O documento é publicado com o resultado das votações, ou seja, cada número com o resultado das votações”^[2].

De um só golpe, Francisco rompe o pesado sigilo sobre as propostas aprovadas pelo Sínodo para serem submetidas ao critério do Papa e da Cúria Romana e decide que, com seu consentimento e bênção, seja tornado público na íntegra o documento dos bispos.

Decide ainda que seja também tornado público o número de votos obtidos para cada uma das 120 propostas do Sínodo, reunidas em 5 capítulos.

O papa já havia levantado a dúvida sobre a necessidade ou não de acrescentar uma palavra sua à dos bispos:

“A exortação pós-sinodal, que não é obrigatória para o papa, provavelmente não; desculpem, o mais fácil seria: ‘bem, aqui está o documento, vejam vocês’. De qualquer forma, uma palavra do Papa sobre o que viveu no Sínodo pode fazer bem. Gostaria de dizê-la antes do final do ano, para que não passe muito tempo, tudo depende do tempo que terei para pensar”^[3].

PROTAGONISMO DAS MULHERES

E AMPLO CONSENSO SOBRE AS PROPOSTAS DO DOCUMENTO FINAL

O papel das mulheres, especialmente das mulheres indígenas, foi notável neste Sínodo: todas tiveram o mesmo tempo de fala do que os bispos, para se expressarem na plenária. Falaram com o coração, com coragem e profecia. Várias vezes disseram, dirigindo-se com liberdade ao Papa Francisco: “Tenha coragem! Avante. Estamos com você”.

Todas as 120 propostas foram aprovadas com mais de 2/3 dos votos dos padres sinodais.

Duas, porém, suscitaram um número maior de “non placet”: a 103 e a 111.

A 103, com 30 non placet e 137 placet. Seu tema era o diaconato permanente para as mulheres:

“103. Nas numerosas consultas realizadas na Amazônia, foi reconhecido e sublinhado o papel fundamental das religiosas e das leigas na Igreja amazônica e nas suas comunidades, tendo em conta os múltiplos serviços que prestam. Em muitas dessas consultas foi apresentado o pedido do diaconato permanente para as mulheres. Por isso, o tema esteve também muito presente durante o Sínodo. Já em 2016, o Papa Francisco criou uma Comissão de Estudo sobre o Diaconato das Mulheres que, como Comissão, chegou a um resultado parcial sobre como era a realidade do diaconato das mulheres nos primeiros séculos da Igreja e sobre suas

implicações atuais. Gostaríamos, portanto, de compartilhar nossas experiências e reflexões com a Comissão e aguardar seus resultados”.

A 111, por outro lado, recebeu o maior número de *non placet*, 41 contra 128 *placet*.

Seu tema era a dificuldade de acesso à Eucaristia nas comunidades da Amazônia e a necessidade de ter um ministério ordenado para a pregação da Palavra e a celebração eucarística entre os líderes dessas comunidades, casados ou não:

“111. Muitas das comunidades eclesiais do território amazônico têm enormes dificuldades de acesso à Eucaristia. Às vezes, passam-se não apenas meses, mas até mesmo vários anos antes que um sacerdote possa retornar a uma comunidade para celebrar a Eucaristia, oferecer o sacramento da Reconciliação ou celebrar a Unção dos Enfermos para os doentes da comunidade. Apreciamos o celibato como um dom de Deus (cf. Sacerdotalis Caelibatus, 1) na medida em que este dom permite ao discípulo missionário, ordenado ao presbiterado, dedicar-se plenamente ao serviço do Santo Povo de Deus. Ele estimula a caridade pastoral e rezamos para que haja muitas vocações que vivam o sacerdócio celibatário. Sabemos que esta disciplina “não é exigida pela própria natureza do sacerdócio” (PO 16), embora haja, por muitas razões, uma relação de conveniência com ele. Na sua encíclica sobre o celibato sacerdotal, São Paulo VI manteve esta lei, expondo as razões teológicas, espirituais e pastorais que a motivam. Em 1992, a exortação pós-sinodal de São João Paulo II sobre a formação sacerdotal confirmou esta tradição na Igreja latina (PDV 29). Considerando que a legítima diversidade não prejudica a comunhão e a unidade da Igreja, mas a manifesta e está a seu serviço (cf. LG 13; OE 6), como testemunha a pluralidade dos ritos e disciplinas existentes, propomos que, no quadro de Lumen Gentium 26, a autoridade competente estabeleça critérios e disposições para ordenar sacerdotes homens idôneos e reconhecidos pela comunidade, que, embora tenham uma família legitimamente constituída e estável, tenham um diaconato permanente fecundo e recebam uma formação adequada para o presbiterado, a fim de sustentar a vida da comunidade cristã através da pregação da Palavra e da celebração dos Sacramentos nas zonas mais remotas da região amazônica. A este respeito, alguns se manifestaram a favor de uma abordagem universal do tema”.

EXORTAÇÃO APOSTÓLICA QUERIDA AMAZÔNIA

Muito rapidamente, já em 2 de fevereiro de 2020, o Papa Francisco tornou pública a EXORTAÇÃO APOSTÓLICA POSTSINODAL *QUERIDA AMAZÔNIA*, com os quatro sonhos que o inspiraram durante a preparação e a realização do Sínodo:

Sonho com uma Amazônia que lute pelos direitos dos mais pobres, dos povos originários, dos últimos, onde sua voz seja ouvida e sua dignidade promovida.

Sonho com uma Amazônia que defenda a riqueza cultural que a distingue, onde resplandece em formas tão variadas a beleza humana.

Sonho com uma Amazônia que guarde zelosamente a irresistível beleza natural que a adorna, a vida transbordante que enche seus rios e florestas.

Sonho com comunidades cristãs capazes de se comprometer e encarnar-se na Amazônia, a ponto de dar à Igreja novos rostos com traços amazônicos.” (QA 7)

Francisco explica também o sentido que deseja imprimir ao documento, “que não pretende substituir nem repetir o documento final”:

“Ouvi as intervenções durante o Sínodo e li com interesse as contribuições dos círculos menores. Com esta Exortação, desejo expressar as ressonâncias que este caminho de diálogo e discernimento suscitou em mim. Não vou desenvolver aqui todas as questões amplamente expostas no Documento final. Não pretendo substituí-lo nem o repetir. Desejo apenas oferecer um breve quadro de reflexão que encarne na realidade amazônica uma síntese de algumas grandes preocupações que já manifestei em meus documentos anteriores, para que possa ajudar e orientar para uma recepção harmoniosa, criativa e frutífera de todo o caminho sinodal” [4] (QA 2).

“Ao mesmo tempo, desejo apresentar oficialmente esse Documento, que nos oferece as conclusões do Sínodo e no qual colaboraram muitas pessoas que conhecem melhor do que eu e a Cúria Romana a problemática da Amazônia, porque lá vivem, sofrem e amam com paixão. Prefiro não citar esse Documento nesta Exortação, porque convido a lê-lo integralmente” (QA 3).

“Que Deus queira que toda a Igreja se deixe enriquecer e interpelar por este trabalho, que os pastores, os consagrados, as consagradas e os fiéis leigos da Amazônia se empenhem na sua aplicação e que ele possa inspirar de alguma forma todas as pessoas de boa vontade” (QA 4).

Os três primeiros sonhos, o Sonho Social (QA 8-27), o Sonho Cultural (28-40) e o Sonho Ecológico (41-60), voam com as asas da liberdade e do Espírito, enquanto o quarto sonho, o Sonho Eclesial, o mais longo (QA 61-110), acolhe muitas das propostas da Assembleia Sinodal, mas de forma tímida e sem o sopro ousado dos outros sonhos, sobretudo nos temas mais delicados: ministérios leigos de mulheres e homens casados, direito da comunidade à Eucaristia e assim por diante.

Por outro lado, houve abertura para a criação de um “rito amazônico” e se avançou com a criação de uma Assembleia Eclesial Amazônica.

ASSEMBLEIA SINODAL *AD INTRA* e *AD EXTRA*

Não se pode compreender este Sínodo sem levar a sério os eventos relacionados com a Assembleia Sinodal, mas fora da Sala Sinodal.

1. Mais de uma centena de fóruns, conferências, mesas redondas, exposições artísticas e fotográficas, documentários foram promovidos nas universidades romanas, igrejas e sedes de congregações religiosas, durante os dias do Sínodo.

2. Um espaço permanente de oração e intercâmbio com os padres sinodais e, sobretudo, com os ouvintes e as ouvintes indígenas: a “Tenda da Casa Comum”, com ênfase nos mártires, especialmente os indígenas da Amazônia. A Tenda foi acolhida na Igreja de Santa Maria in Traspontina, onde se realizava a recitação diária do Ofício dos Mártires, pela manhã e à tarde.

3. Manifestações coletivas. Destacamos três das mais importantes:

a) Uma caminhada com cantos, orações e testemunhos pela Via della Conciliazione até a Praça de São Pedro, como vigília pelo Sínodo, na noite de domingo da abertura, 6 de outubro;

b) Uma *Via Crucis* na manhã de sábado, 19 de outubro, do Castelo de Santo Ângelo pela *Via della Conciliazione* até a Praça de São Pedro, reunindo o clamor, a resistência, as dores e as lágrimas dos povos oprimidos e marginalizados na Amazônia e em outras regiões do mundo, com especial atenção aos refugiados, migrantes, mulheres e crianças.

c) A celebração de um novo Pacto das Catacumbas.

4. Houve também manifestações de hostilidade ao Sínodo, incluindo episódios de intolerância e violência, mas sem maior repercussão[5].

PACTO DAS CATACUMBAS PARA A CASA COMUM

Nas primeiras horas da manhã de domingo, 20 de outubro, foi celebrada uma missa nas Catacumbas de Santa Domitilla, com a presença do cardeal Claudio Hummes, relator do Sínodo, do cardeal Pedro Ricardo Barreto, arcebispo de Huancayo, no Peru, um dos seus presidentes, de 51 bispos, padres sinodais e outros 150 leigos, religiosas, religiosos, presbíteros, diáconos permanentes, observadores de outras igrejas cristãs, que assinaram o Pacto, no final da celebração.

Os participantes queriam seguir adiante no mesmo espírito daqueles bispos que, no final do Concílio Vaticano II, em 16 de novembro de 1965, assinaram nas Catacumbas de Santa Domitila o famoso “Pacto das Catacumbas por uma Igreja serva e pobre”[6]



Catacumbas de Santa Domitilla: celebração do Pacto das Catacumbas pela Casa Comum, presidida pelo Cardeal Claudio Hummes

Pacto das Catacumbas pela Casa Comum

Por uma Igreja com rosto amazônico, pobre e serva, profética e samaritana

Nós, participantes do Sínodo Pan-Amazônico, compartilhamos a alegria de viver no meio de numerosos povos indígenas, quilombolas, ribeirinhos, migrantes e comunidades das periferias das cidades deste imenso território do planeta. Com eles, experimentamos a força do Evangelho que opera nos mais pequenos. O encontro com esses povos interpela-nos e convida-nos a uma vida mais simples, de partilha e gratuidade. Marcados pela escuta dos seus gritos e das suas lágrimas, acolhemos com calor as palavras do Papa Francisco:

"Muitos irmãos e irmãs na Amazônia carregam cruzes pesadas e esperam a consolação libertadora do Evangelho, a carícia do amor da Igreja.

Por eles, com eles, caminhamos juntos"[\[7\]](#).

Recordamos com gratidão aqueles bispos que, nas Catacumbas de Santa Domitila, no final do Concílio Vaticano II, assinaram o *Pacto por uma Igreja serva e pobre*[\[8\]](#). Recordamos com veneração todos os mártires membros das comunidades eclesiais de base, dos organismos pastorais e dos movimentos populares, os líderes indígenas, as missionárias e os missionários, os leigos e as leigas, os presbíteros e os bispos, que derramaram o seu sangue por causa desta opção pelos pobres, pela defesa da vida e pela luta para proteger a nossa Casa Comum[\[9\]](#). À gratidão pelo seu heroísmo, unimos a nossa decisão de continuar a sua luta com firmeza e coragem. É um sentimento de urgência que se impõe diante das agressões que hoje devastam o território amazônico, ameaçado pela violência de um sistema econômico predatório e consumista.

Diante da Santíssima Trindade, das nossas Igrejas particulares, das Igrejas da América Latina e do Caribe e daquelas solidárias conosco na África, Ásia, Oceania, Europa e no norte do continente americano, aos pés dos apóstolos Pedro e Paulo e da multidão de mártires de Roma, da América Latina e, sobretudo, da nossa Amazônia, em profunda comunhão com o sucessor de Pedro, invocamos o Espírito Santo e nos comprometemos, pessoal e comunitariamente, a:

1. Assumir, diante da extrema ameaça do aquecimento global e do esgotamento dos recursos naturais, o compromisso de defender em nossos territórios e com nossas atitudes a floresta amazônica. Dela provêm os dons da água para grande parte da América do Sul, a contribuição para o ciclo do carbono e para a regulação do clima global, uma biodiversidade incalculável e uma rica diversidade social para a humanidade e para toda a Terra.
2. Reconhecer que não somos donos da Mãe Terra, mas seus filhos e filhas, formados do *pó da terra* (Gn 2, 7-8)[\[10\]](#), *hóspedes e peregrinos* (1 Pd 1, 17b e 1 Pd 2, 11)[\[11\]](#), chamados a ser *seus zelosos guardiões* (Gn 1, 26)[\[12\]](#). Para isso, comprometemo-nos com uma ecologia integral, na qual tudo está interligado, a humanidade e toda a criação, porque todos os seres são filhos e filhas da terra e sobre ela *flutua o Espírito de Deus* (Gn 1, 2).
3. Acolher e renovar todos os dias a aliança de Deus com toda a criação: “Quanto a mim, eis que estabeleço a minha aliança com os vossos descendentes depois de vós, com todos os seres vivos que estão convosco, aves, gado e animais selvagens, com todos os animais que saíram da arca” (Gn 9,9-10 e Gn 9,12-17[\[13\]](#)).
4. Renovar em nossas igrejas a opção preferencial pelos pobres, especialmente pelos povos originários, e junto com eles garantir o direito de serem protagonistas na sociedade e na Igreja. Ajudá-los a preservar suas terras, culturas, línguas, histórias, identidades e espiritualidades. Crescer na consciência de que estes devem ser

respeitados a nível local e global e, conseqüentemente, encorajar, com todos os meios ao nosso alcance, a acolhê-los em pé de igualdade no concerto mundial dos povos e das culturas.

5. Abandonar, conseqüentemente, em nossas paróquias, dioceses e grupos, todo tipo de mentalidade e atitude colonial, acolhendo e valorizando a diversidade cultural, étnica e linguística em um diálogo respeitoso com todas as tradições espirituais.

6. Denunciar toda forma de violência e agressão à autonomia e aos direitos dos povos originários, à sua identidade, aos seus territórios e aos seus modos de vida.

7. Anunciar a novidade libertadora do Evangelho de Jesus Cristo, acolhendo o outro e o diferente, como aconteceu a Pedro na casa de Cornélio: “Vós sabeis que não é lícito a um judeu ter relações com um estrangeiro ou entrar em sua casa. Mas Deus me mostrou que nenhum homem deve ser considerado impuro e contaminado” (At 10,28)[14].

8. Caminhar ecumenicamente com outras comunidades cristãs no anúncio inculturado e libertador do Evangelho, e com as outras religiões e pessoas de boa vontade, em solidariedade com os povos originários, com os pobres e os pequenos, na defesa dos seus direitos e na preservação da Casa comum.

9. Instituir em nossas Igrejas particulares um estilo de vida sinodal, no qual representantes dos povos originários, missionárias e missionários, leigos e leigas, em virtude do seu batismo e em comunhão com seus pastores, tenham voz e voto nas assembleias diocesanas, nos conselhos pastorais e paroquiais, enfim, em tudo o que lhes diz respeito no governo das comunidades.

10. Comprometer-nos a reconhecer com urgência os ministérios eclesiais já existentes nas comunidades, exercidos por agentes pastorais, catequistas indígenas, ministros e ministras da Palavra, valorizando em particular a sua atenção aos mais vulneráveis e excluídos.

11. Tornar efetiva nas comunidades a nós confiadas a passagem de uma pastoral da visita para uma pastoral da presença, garantindo que o direito à Mesa da Palavra e à Mesa da Eucaristia se torne efetivo em todas as comunidades.

12. Reconhecer os serviços e a verdadeira diaconia do grande número de mulheres que hoje lideram comunidades na Amazônia e procurar consolidá-los com um ministério adequado de mulheres líderes comunitárias.

13. Buscar novos caminhos de ação pastoral nas cidades onde atuamos, com protagonismo dos leigos e dos jovens, com atenção às periferias e aos migrantes, aos trabalhadores e desempregados, aos estudantes, aos educadores, aos pesquisadores e ao mundo da cultura e da comunicação[15].

14. Assumir, diante da onda do consumismo, um estilo de vida alegremente sóbrio, simples e solidário com aqueles que têm pouco ou nada; reduzir a produção de lixo e o uso de plástico, favorecer a produção e comercialização de produtos agroecológicos, utilizar o transporte público sempre que possível.

15. Colocar-nos ao lado daqueles que são perseguidos por causa do seu serviço profético de denunciar e reparar as injustiças, de defender a terra e os direitos dos mais pequenos, de acolher e apoiar os migrantes e refugiados. Cultivar amizades verdadeiras com os pobres, visitar as pessoas mais simples e os doentes, exercendo o ministério da escuta, da consolação e do apoio que dão alívio e renovam a esperança.

Conscientes de nossa fragilidade, de nossa pobreza e pequenez diante de desafios tão grandes e graves, nos confiamos à oração da Igreja. Que, acima de tudo, nossas comunidades eclesiais nos ajudem com sua intercessão, seu afeto no Senhor e, quando necessário, com a caridade da correção fraterna.

Acolhamos com coração aberto o convite do Cardeal Hummes para nos deixarmos guiar pelo Espírito Santo nestes dias do Sínodo e no retorno às nossas igrejas:

"Deixem-se envolver pelo manto da Mãe de Deus, Rainha da Amazônia. Não nos deixemos dominar pela autorreferencialidade, mas pela misericórdia diante do grito dos pobres e da terra. Será necessário rezar muito, meditar e discernir uma prática concreta de comunhão eclesial e de espírito sinodal. Este Sínodo é como uma mesa que Deus preparou para os seus pobres e nos pede que sirvamos à mesa"[16].

Celebremos esta Eucaristia da Aliança como "um ato de amor cósmico: «Sim, cósmico! Porque mesmo quando é celebrada no pequeno altar de uma igreja rural, a Eucaristia é sempre celebrada, em certo sentido, no altar do mundo». A Eucaristia une o céu e a terra, abraça e penetra toda a criação. O mundo, que saiu das mãos de Deus, volta a Ele em alegre e plena adoração: no Pão eucarístico "a criação tende para a divinização, para as bodas sagradas, para a unificação com o próprio Criador". Por isso, a Eucaristia é também fonte de luz e motivação para as nossas preocupações pelo ambiente, e orienta-nos a ser guardiões de toda a criação"[17].

Catacumbas de Santa Domitila Roma, 20 de outubro de 2019

[1] Viagem Apostólica ao Peru: Encontro com os povos da Amazônia Coliseu Regional Madre de Dios (Puerto Maldonado, 19 de janeiro de 2018). Discurso do Santo Padre:

<https://www.vatican.va/content/francesco/it/events/event.dir.html/content/vaticanevents/it/2018/1/19/popoliamazonia-puertomaldonado-peru.html>

[2] DISCURSO DO SANTO PADRE FRANCISCO AO TERMO DA ASSEMBLEIA SINODAL:

https://www.vatican.va/content/francesco/it/speeches/2019/october/documents/papa-francesco_20191026_chiusura-sinodo.html
Basilica de São Pedro – Aula do Sínodo . Sábado, 26 de outubro de 2019.

[3] Ibidem

[4] Francisco, EXORTAÇÃO APOSTÓLICA POSTSINODAL *QUERIDA AMAZÔNIA*,

https://www.vatican.va/content/francesco/it/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20200202_querida-amazonia.html

[5] O governo brasileiro, juntamente com Steve Bannon dos Estados Unidos, Matteo Salvini da Itália e Victor Orbán da Hungria, tentou organizar em Roma um anti-Sínodo da Amazônia. Um ativista de extrema direita, Bernardo Küster, convidado pelo governo brasileiro a Roma, fazia transmissões ao vivo diárias contra a agenda do Sínodo e contra os padres sinodais, especialmente contra aqueles que participaram da celebração do Pacto das Catacumbas pela Casa Comum. A TFP (Tradição, Família, Propriedade) brasileira criou um site internacional contra o Sínodo: Pan Amazon Synod Watch <https://www.cartacapital.com.br/politica/governo-bolsonaro-e-tfp-unem-se-para-sabotar-papa-e-sinodo-da-amazonia/>. O conteúdo da CartaCapital está protegido pela legislação brasileira sobre direitos autorais. Essa defesa é necessária para manter o jornalismo corajoso e transparente da CartaCapital vivo e acessível a todos.

Um jovem ativista da extrema direita cristã roubou da Igreja da Traspontina as esculturas em madeira da Pacha Mamma, trazidas pelos indígenas da Amazônia, e as jogou no rio Tevere, da ponte dos Anjos. O Papa apresentou suas desculpas aos seus convidados pela agressão simbólica e em relação às suas crenças. Cf. Bernardo Küster: [\(412\) bernardo kuster sinodo da amazonia pacto das catacumbas - YouTube](#); [\(412\) Fim do Sínodo da Amazônia: Papa, política e pachamama | Bernardo Küster - YouTube](#)

[6] BEOZZO, José Oscar, *Pacto das Catacumbas – Por uma Igreja servidora e pobre*. São Paulo: Paulinas, 2015.

[7] Homilia do Papa Francisco na Missa de abertura do Sínodo, Roma, 6/10/2019

[8] Pacto por uma Igreja serve e pobre. Catacumbas de Santa Domitila, Roma, 16 de novembro de 1965. Ao Pacto, assinado por 42 concelebrantes, aderiram posteriormente cerca de 500 padres conciliares.

[9] DAp 98, 140, 275, 383, 396.

[10] “Então o Senhor Deus formou o homem com pó da terra e soprou em suas narinas um sopro de vida, e o homem tornou-se um ser vivente. Depois, o Senhor Deus plantou um jardim no Éden, a oriental, e ali colocou o homem que havia formado”.

[11] «... comportai-vos com temor durante o tempo da vossa peregrinação» (1 Pt 1, 17b) e «Queridos, exorto-vos, como estrangeiros e peregrinos...» (1 Pt 2, 11).

[12] “E Deus disse: ‘Façamos o homem à nossa imagem, à nossa semelhança, e domine sobre os peixes do mar e sobre as aves do céu, sobre os animais domésticos, sobre todos os animais selvagens e sobre todos os répteis que rastejam sobre a terra’. Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou, homem e mulher os criou”.

[13] Deus disse: “Eis o sinal da aliança que estabeleço entre mim e vós e entre todos os seres vivos que estão convosco, para as gerações eternas. Coloco o meu arco nas nuvens e ele será o sinal da aliança entre mim e a terra. Quando eu reunir as nuvens sobre a terra e o arco aparecer nas nuvens, lembrar-me-ei da minha aliança entre mim e vós e entre todos os seres vivos em toda a terra, e nunca mais haverá águas para destruir toda a carne. O arco estará nas nuvens e eu olharei para ele para lembrar a aliança eterna entre Deus e todos os seres vivos em toda a terra”. Deus disse a Noé: “Este é o sinal da aliança que estabeleci entre mim e toda a carne que está sobre a terra”.

[14] “Então Pedro, começando a falar, disse: ‘Na verdade, compreendo que Deus não faz acepção de pessoas, mas que em qualquer nação, quem o teme e pratica a justiça, é aceitável a ele’” (At 10, 34-35).

[15] Cfr DSD 302, 1.3

[16] HUMMES Card. Claudio, 1ª Congregação Geral do Sínodo Amazônico. Relatório introdutório do Relator Geral, Roma, 7/10/2010 (BO 792).

[17] Laudato Si' 236.